

# Levar a mensagem, ou, a arte do trabalho do Décimo Segundo Passo

O trabalho do Décimo Segundo Passo é uma arte que nunca sai da moda. Alguns métodos mudaram ao longo dos anos – telefones celulares, correio eletrônico, sítios na Web no lugar de cabines telefônicas, máquinas de escrever, anúncios nos jornais, etc., mas, levar a mensagem ao alcoólico que ainda sofre continua a ser o serviço básico de Alcoólicos Anônimos.

Tal como descrito no Livro Azul, no capítulo “*Trabalhando com os outros*”, “*A experiência prática demonstra que nada garantirá tanta imunidade contra o álcool quanto o trabalho intensivo com outros alcoólicos. Quando outras atividades não resolvem, isso funciona. ...Observar as pessoas se recuperarem, vê-las ajudando outras, observar a solidão desaparecer, ver crescer ao se redor uma Irmandade, ter inúmeros amigos – esta é uma experiência que você não pode perder. ...O contato freqüente com os recém-chegados e com nossos companheiros é a parte luminosa de nossas vidas*”.

O ponto básico de Alcoólicos Anônimos sempre foi a comunicação salvadora entre um alcoólico e outro. Como Bill W. descreveu: “*Já desde o começo, a comunicação em A.A. não foi uma mera transmissão de idéias e atitudes úteis. Foi uma comunicação extraordinária e por vezes singular. Dada a afinidade proporcionada por nosso sofrimento comum, e devido a que os meios, também comuns, de nossa liberação somente proporcionam resultados quando os compartilhamos constantemente com outros, nossas vias de comunicação sempre se orientam pela linguagem do coração*”.

Partindo de uma perspectiva histórica, esta transmissão de esperança de um alcoólico a outro, a miúdo descrita nos primeiros escritos de A.A. como “*uma reação em cadeia*”, teve seu começo quando Bill W. havia estado tratando seu alcoolismo com o Dr. Silkworth e recebeu a visita de Ebby T., um velho amigo e companheiro de copo. Ebby tinha encontrado uma maneira de alcançar a sobriedade com a ajuda do Grupo de Oxford, e um dia chegou na porta da casa de Bill para lhe transmitir sua mensagem de esperança. Sofrendo com a ressaca e mergulhado na angústia da sua própria doença, por alguma razão Bill se dispôs a ouvir o que Ebby tinha a lhe dizer.

“*Em novembro de 1934, recebi a visita de Ebby, um velho amigo meu, alcoólico e futuro padrinho. Porquê lhe era possível se comunicar comigo numa área que nem sequer o Dr. Silkworth ousava tocar? Em primeiro lugar, eu já sabia que sua condição, assim como a minha, era a de um bêbado irrecuperável. Numa data anterior, nesse mesmo ano, eu fui informado que ele também tinha sido candidato a uma internação num manicômio. Entretanto, ele estava ali, na minha frente, livre e sóbrio. A sua faculdade de comunicação era tão impressionante que, em poucos minutos pôde-me convencer de sua sinceridade ao dizer que se tinha libertado da obsessão pela bebida. Sinalizava uma coisa muito diferente de um mero percurso suando frio na caravana da abstinência. Foi assim que me apresentou uma espécie de comunicação e de evidência que nem sequer o Dr. Silkworth me pôde oferecer. A questão era que um alcoólico estava falando com outro. Nisso estava verdadeira esperança*”.

Ebby contou detalhadamente a Bill a sua história e suas experiências como bebedor nos últimos anos estabelecendo, assim, um poderoso vínculo de identificação. Depois explicou os passos que tinha dado para alcançar a sobriedade que naquele momento desfrutava.

“*Nenhuma das idéias de Ebby era realmente nova. Eu já tinha ouvido falar de todas elas. Porém, da maneira como me foram repassadas através daquela poderosa linha de transmissão, deixavam de ser o que, em outras circunstâncias, eu iria considerar como simples máximas tradicionais para se comportar como um bom freguês. Eu as estava vendo como verdades vivas que poderiam me libertar, tal co o fizeram com ele. Ebby pôde-me tocar no mais profundo*”.

Entretanto, e apesar de seu grande impacto, a visita de Ebby não proporcionou a Bill o ímpeto ou a capacidade para parar de beber e recorreu de novo aos cuidados do Dr. Silkworth. Durante esta última internação Bill teve a experiência espiritual que tornou possível alcançar a sobriedade.

Nas palavras de Bill, “com esta revelação veio a visão de uma possível reação em cadeia, de um alcoólico que falara com outro e este com outro e assim nua série sem fim. Estava convencido de que podia dar aos meus companheiros alcoólicos o que Ebby tinha dado a mim”.

Durante os meses seguintes Bill tratou de passar a mensagem. Porém, ninguém tinha conseguido a sobriedade e esta experiência lhe deixou uma maravilhosa lição: *“Por muito verdadeiras que fossem as palavras da minha mensagem, não podia existir nenhuma comunicação mais profunda se o que eu dizia ou fazia ia tingido de soberba, arrogância, intolerância, ressentimento, imprudência e o desejo de reconhecimento pessoal, mesmo tendo pouca consciência dessas atitudes. Sem me dar conta, tinha caído muito pesadamente nesses erros. Minha experiência espiritual havia sido tão súbita, tão resplandecente e tão poderosa que eu me achava destinado a curar quase todos os bêbados do mundo. Isto era soberba. Continuava a martelar sobre o tema do meu despertar místico e os meus candidatos sentiam-se repelidos sem exceção. Isto era imprudência. Comecei a insistir que todo bêbado deveria experimentar uma “euforia luminosa” parecida com a minha. Fiz pouco caso do fato de que Deus se manifesta aos homens de muitas e variadas maneiras. De fato, tinha começado a dizer aos meus candidatos ‘você tem que ser como eu, acreditar como eu acredito e fazer como eu faço’. Isto era o tipo de arrogância inconsciente que nenhum bêbado consegue suportar”.*

Finalmente, aconselhado pelo Dr. Silkworth, Bill mudou o foco e começou a incluir os dados médicos que caracterizam a doença como a obsessão, a alergia e a compulsão que leva o alcoólico a continuar bebendo.

Algum tempo depois, ao se encontrar na cabine telefônica do Hotel Mayflower, em Akron, Ohio, Bill disse: *“Pela primeira vez desde a minha experiência no hospital, me senti tentado a tomar um trago. Nesse momento, de início, dei-me conta da necessidade que tinha de estar com outros alcoólicos para me preservar e ajudar a manter a dádiva original da sobriedade. Já não se tratava somente de ajudar outros alcoólicos. Se esperava manter minha própria sobriedade, tinha que encontrar outro alcoólico com quem trabalhar. Assim, quando o Dr. Bob e eu nos encontramos sentados cara a cara, nem sequer pensei em fazer o que costumava a fazer no passado. Eu disse, ‘Bob, estou-lhe falando porque você me faz tanta falta quanto eu possa fazer a você. Estou-me vendo no perigo de cair num grande abismo”.*

Daquela reunião, a reação em cadeia que passou de Ebby e Bill ao Dr. Bob, em Akron, alcançou inúmeros bêbados no mundo todo. Bill disse a respeito da comunicação vital: *“Uma das primeiras idéias que compartilhamos o Dr. Bob e eu, foi que a verdadeira comunicação deverá estar baseada na necessidade mútua. Nunca deveríamos falar a ninguém com tom condescendente, muito menos a um companheiro alcoólico. Nos demos conta de que o padrinho deveria reconhecer humildemente suas próprias necessidades com tanta clareza quanto as do seu afilhado. Nisso estava a base do Décimo Segundo Passo para a recuperação, o Passo em que levamos a mensagem”.*

Não faz muito tempo, o boletim da Intergruppal de St. Paul, Minnesota, publicou um artigo com o título *“Sugestões para fazer as visitas do Décimo Segundo Passo”*, no qual se dizia que *“Ao receber uma chamada de Décimo Segundo Passo, partimos da idéia de que, literalmente, a vida de outro ser humano está em jogo. Isso significa que é preciso responder de imediato a essa chamada”.* Outras sugestões eram oferecidas: Ao fazer uma visita de Décimo Segundo Passo, ir acompanhados de outro membro. Manter o anonimato. Felicitar o possível membro por pretender fazer algo a respeito de seu problema com a bebida. Oferecer alguma literatura de A.A. Contar como você era, o que aconteceu e como você é agora.

Ao fazer a comunicação com um possível membro seja pessoalmente, por telefone ou através da Internet, a arte de fazer o trabalho do Décimo Segundo Passo segue sendo a mesma. Como é dito

na Quinta tradição: *“A habilidade única de cada membro de A.A. para se identificar com o iniciante e conduzi-lo à recuperação, não depende de forma alguma de seu grau de instrução, eloquência ou qualquer outra capacitação específica. A única coisa que importa é o fato de ser um alcoólico que encontrou a chave da sobriedade”*.

Transcrito, com permissão, do texto em espanhol no boletim oficial do GSO, Box 4-5-9, Vol. 42, nº 5/ Inverno 2009  
[http:// www.aa.org/lang/sp/sp\\_pdfs/sp\\_box459\\_holiday09.pdf](http://www.aa.org/lang/sp/sp_pdfs/sp_box459_holiday09.pdf)